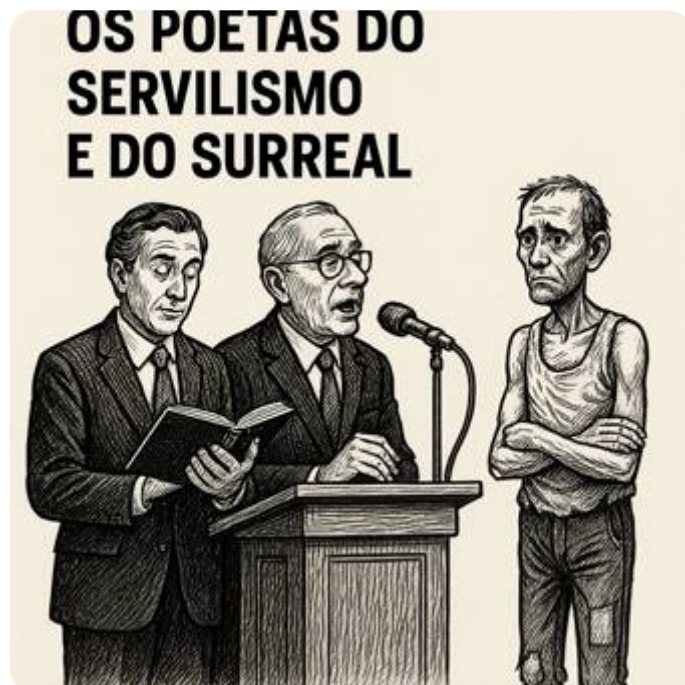


Os Poetas do Servilismo e do Surreal

Publicado em 2025-06-10 21:39:39



Há quem diga que Portugal é o país dos poetas.

Mas poucos avisam que, entre os poetas do povo e os poetas do poder, há um abismo feito de silêncio e salário.

No 10 de Junho, sob o céu limpo e as fanfarras patrióticas, alinham-se os poetas do regime – de penas douradas e linguagem aveludada – que, com o rosto compenetrado e o coração em piloto automático, declamam a grandeza da Pátria com uma paixão tão ensaiada como um teatro de escola primária.

São os **poetas do servilismo**:

vestem-se de retórica, banham-se na glória de Camões e distribuem pérolas em nome de um povo que, lá no fundo, já não os ouve.

Enquanto falam em “pluralismo saudável”, há gente a sobreviver com o salário mínimo... que é, na verdade, um insulto máximo. Enquanto falam da “nobreza da História”, esquecem-se que há filhos da revolução a fazer fila no banco alimentar.

Estes bardos de palácio não são inocentes:
sabem bem o que fazem.

Poetizam a mediocridade, institucionalizam a ilusão.
Sabem que, com frases bonitas e metáforas grandiosas, se adoça o fel da injustiça.
É a sua forma de anestesiar o país.

E depois há os **surreais**, os que falam de “mistura de sangue”, de “fim das polarizações”, de “saídas suaves”...
Como se a fome fosse uma questão filosófica.
Como se a habitação não fosse uma urgência, mas um dilema poético.
Como se 50 anos de liberdade formal pudessem encobrir o facto de que muitos vivem hoje **pior do que viviam os seus avós**.

Esses poetas, que ontem citavam Camões, citam hoje o teleponto.
São os camaleões do lirismo institucional,
os trovadores do status quo,
os menestréis da manutenção.

Mas no subsolo deste teatro de vaidades,
há um outro Portugal —
um país de operários invisíveis, de mães sobrecarregadas, de jovens emigrados,
de reformados sem reforma digna
e de crianças que já nascem endividadas.

Esse Portugal não precisa de poemas.
Precisa de pão, de verdade e de um novo contrato social.

Porque o verdadeiro poeta do povo

não se senta no púlpito.
Grita da rua, escreve na parede,
morde a língua do poder
e versa com os pés na lama.

E tu, leitor, que lêς estas linhas:
não te deixes embalar pelas palavras do regime.
Desconfia dos poetas com cachecol de cerimónia.
Procura quem escreva com as mãos calejadas,
quem rime com a verdade,
e quem, em vez de aplaudir, **acorde**.

Porque o futuro não se declama.
Constrói-se.

E talvez esteja na hora de **calar os bardos do sistema**
para dar voz à crónica viva de um povo que já não aguenta mais
poesia de bolso.

Artigo escrito por **Augustus Veritas Lumen** um poeta de
consciência feita e lógica pura.

Imagem cortesia de OpenAI (c)